

Invasão pirata na Flip

LIVROS A 16ª edição da Festa de Paraty foge da politização do debate literário e sobrevive à custa das iniciativas marginais

POR PEDRO ALEXANDRE SANCHES



Rejeitada em vida por 10 entre 10 das grandes editoras nacionais, a escritora paulista Hilda Hilst (1930-2004) guiou o marketing e os lucros oficiais da 16ª Festa Literária Internacional de Paraty, a Flip, e emplacou três dos dez títulos mais vendidos na cidade litorânea fluminense entre 25 e 29 de julho.

Pelo telão instalado no centro histórico cenográfico de Paraty, o olho público aprendia sobre Hilda em aula roteirizada da professora da USP Eliane Robert Moraes, cuja fala era intercalada por intervenções animadas da atriz Iara Jamra. A palestra-espetáculo *A Santa e a Serpente* não contemplou perguntas dos espectadores que pagaram para entrar no auditório fechado instalado na mesma praça. Em ambiente mais exclusivo, da

Casa de Não Ficção, das revistas *Época* (Globo) e *Vogue*, o juiz carioca Marcelo Bretas repetia a blague do colega paranaense Sergio Moro de que a Operação Lava Jato sofrerá o impacto das eleições presidenciais de 2018 (ou seja, da democracia).

Fora do contexto oficial, as discussões político-literárias sobre golpe de estado, estado de exceção e estado policial foram atiradas a escanteio pela Casa Azul, a organização social que promove a Flip

“Alckmin e Marina não aceitam vir porque seriam vaiados”, diz Cauê Ameni, da Flipei

e pleiteou para a festa neste ano 5 milhões de reais em incentivo fiscal pela Lei Rouanet (2 milhões de reais já foram captados junto ao Banco Itaú). O debate sobre o presente brasileiro foi deslocado para algumas das casas “off-Flip” localizadas no próprio centro histórico ou, num caso específico, fora do epicentro histórico.

À margem esquerda do Rio Perequê-Açu, já longe dos paralelepípedos de Paraty, aportou um barco pirata que irradiou a autointitulada Flipei, a Festa Literária Pirata das Editoras Independentes, entre gritos de “Lula livre”, “Marielle presente” e debates ora mornos, ora candentes em torno de figuras como Anielle Franco, irmã de Marielle, Djamila Ribeiro, mais vendida da feira depois de Hilda, com dois títulos entre os dez mais, Gregório Duvivier, Guilherme Boulous, Jessé

GUILHERME ZIGGY



“É claro que essa efervescência tumultuária latente, eventualmente explícita e alarmante, vinha comprometer os melhores planos da elite governamental”

NICOLAU SEVCENKO
(Em A Revolta da Vacina,
Editora Unesp)

Ancorado à margem do Rio Perequê-Açu, o barco pirata sediou 69 horas de debate e uma loja que vendeu 1,3 mil títulos independentes



O público da Flipei foi estimado em 4 mil espectadores



Souza, Marcelo Freixo, Marcia Tiburi e Sônia Guajajara. Organizador da Flipei e editor do selo independente Autonomia Literária, o paulistano Cauê Ameni estima o público da feira paralela gratuita a céu aberto em 4 mil pessoas, com 69 horas de programação e 1,3 mil livros vendidos na loja armada dentro do próprio barco.

porque vão ser vaiados. Se fosse na feira do agronegócio ou dos evangélicos, não seriam vaiados, tirariam de letra. Aqui, não”.

Ameni diz que o pool de editoras independentes optou pelo barco, inspirado em outra iniciativa do grupo (o ônibus

literário Rizoma), como modo de contornar a especulação imobiliária que avança sobre Paraty. “Aqui temos uma conexão maior. Lá dentro da cidade acho parecido com o Metrô de São Paulo – muito cheio, ninguém sabe o nome das ruas, não tem placa, todas as casas iguais. Você vem para a praia para ficar no metrô a céu aberto? Não, aqui é muito melhor.” Segundo ele, o barco foi alugado de um pescador local e custou 10 mil reais.

Mas até mesmo a pirataria é relativa na Flipei. Ameni conta que a Flipei pagou 2,5 mil reais à organização da festa, por bebeses como portar o selo oficial da Flipei e não correr o risco de ficar sem energia elétrica ou internet. O valor inicial pedido era de 5 mil reais. Com casa localizada no epicentro histórico, a presidenta da Liga Brasileira de Editoras (Libre), Raquel





Freixo e Anielle, irmã de Marielle, atraíram multidão ao barco pirata, idealizado por Cauê Ameni (acima)

Menezes, diz que em duas edições anteriores a entidade pagou 7 mil reais à Flip (fora o aluguel do imóvel). Ela afirma que, neste ano, foram 16 mil reais de aluguel e nenhuma taxa adicional à organização. Criada em 2002 e congregando hoje 115 editores associados, a Libre é outra das iniciativas “off-Flip” que, atualmente, garantem diversidade literária não permitida pelas editoras que controlam a festa (como Record, Cia das Letras e Intrínseca) e pela livraria que monopoliza as vendas oficiais de livros em Paraty (a carioca Travessa).

“A Libre desenvolve o conceito da biodiversidade, um conceito que namora com outras diversidades, especialmente a biodiversidade, e tem interseção com outros movimentos, como o Feminista e o Negro”, afirma Haroldo Ceravolo Sereza, um dos donos da Alameda Editorial e presidente da Libre entre 2011 e 2015. “O modelo de negócio de dar vitrine só aos autores que vêm para a ‘Flipona’ já não dá conta dessa diversidade, tanto que tem um monte de gente aqui vendendo livro pela rua e pelas casas”, diz Joana Monteleone, sócia da Alameda Editorial.

No barco pirata, durante a mesa *O Mercado Editorial Convencional Está Indo para o Vinagre: E Agora?*, Sereza criticou a política dos governos Lula e Dilma para o setor editorial, centrada num modelo de “campeões nacionais” financiados pelo BNDES. “Isso deu errado em muitos setores, mas no mercado

editorial deu especialmente errado”, afirma. Subsidiadas por esse meio, redes livres como Saraiva, Livraria Cultura e Fnac hoje estão quebradas. “O mercado editorial brasileiro tem 500 anos e já viveu vários tipos de censura: política, religiosa, moral. Hoje, a censura é econômica”, opina Sereza. “Não vamos esperar a recuperação da Cultura ou da Saraiva para continuar lançando livros. O editor é sempre alguém que tem um pé na clandestinidade e, se precisar, a gente põe o pé lá e põe as ideias para circular.”

Cauê Ameni explica a política da Autonomia Literária, de trazer para o Brasil *best sellers* estrangeiros que não interessam ao *mainstream* editorial, casos de *O Minotauro Global – A Verdadeira Origem da Crise Financeira* e *O Futuro da Economia Global*, do economista grego Yanis Varoufakis, e títulos sobre a história recente da Síria e da Palestina. “Parece que a crise mundial era culpa do PT, mas essa literatura tem toda a explicação de por que todos os países da

“O editor é sempre alguém com um pé na clandestinidade”, diz Haroldo Sereza, associado da Libre

periferia do capitalismo estão tomando todos os choques da crise em Wall Street em 2008”, diz. “Estão deixando de nos contar o que realmente aconteceu.”

Ameni conta que durante a Flip foi procurado por repórteres de Globo e *Folha* com uma pergunta recorrente: a Flip não estaria “contaminando ideologicamente” a festa? Há aí uma inversão, que ajuda a explicar o controle ideológico por parte da “Flipona” e do regime vigente desde o golpe de 2016. “A Flip se despolitizou devido aos patrocínios que foi ganhando. Começou com Eric Hobsbawm, e há dois anos o cara mais de esquerda era (o repórter da Globo) Caco Barcelos”, exemplifica Ameni. “Na penúltima edição teve Karl Ove Knausgård, ‘o novo Proust’, cuja quadrilogia se chama *Minha Luta*, como a do Hitler. Disseram que era coincidência, mas, se pesquisar, na primeira entrevista do Google ele diz que o partido anti-imigração é uma bênção para a Europa. Ninguém coloca no filho o nome de Adolf Hitler e diz que foi coincidência.”

Num ambiente ideológico vigiadíssimo, tem cabido às causas identitárias ocupar espaço interdito à discussão política. Hilda Hilst é rainha e a juventude negra tomou com entusiasmo as ruas de Paraty, antigo porto de tráfico de seres humanos (como lembra a editora Joana Monteleone) e atual detentora da maior taxa de homicídios do estado do Rio (segundo demarcou o político Freixo). Nesse campo, a 16ª Flip sediou incidentes, como uma acusação de injúria racial feita pela secretária Sara Cristina Trajano da Silva, de 23 anos, contra José Luiz Goldfarb, 61 anos, da Educ (editora da PUC). E assistiu, no registro oposto, à efervescência literária dos chamados *slams*, campeonatos de poesia levados por jovens periféricos em palcos como o barco pirata. O melhor da Flip está à margem dela, como sabe a organização da festa, que sobrevive ao momento de amplo desmonte nacional à custa da invasão de diversas tribos de piratas. •

PEDRO ALEXANDRE SANCHES